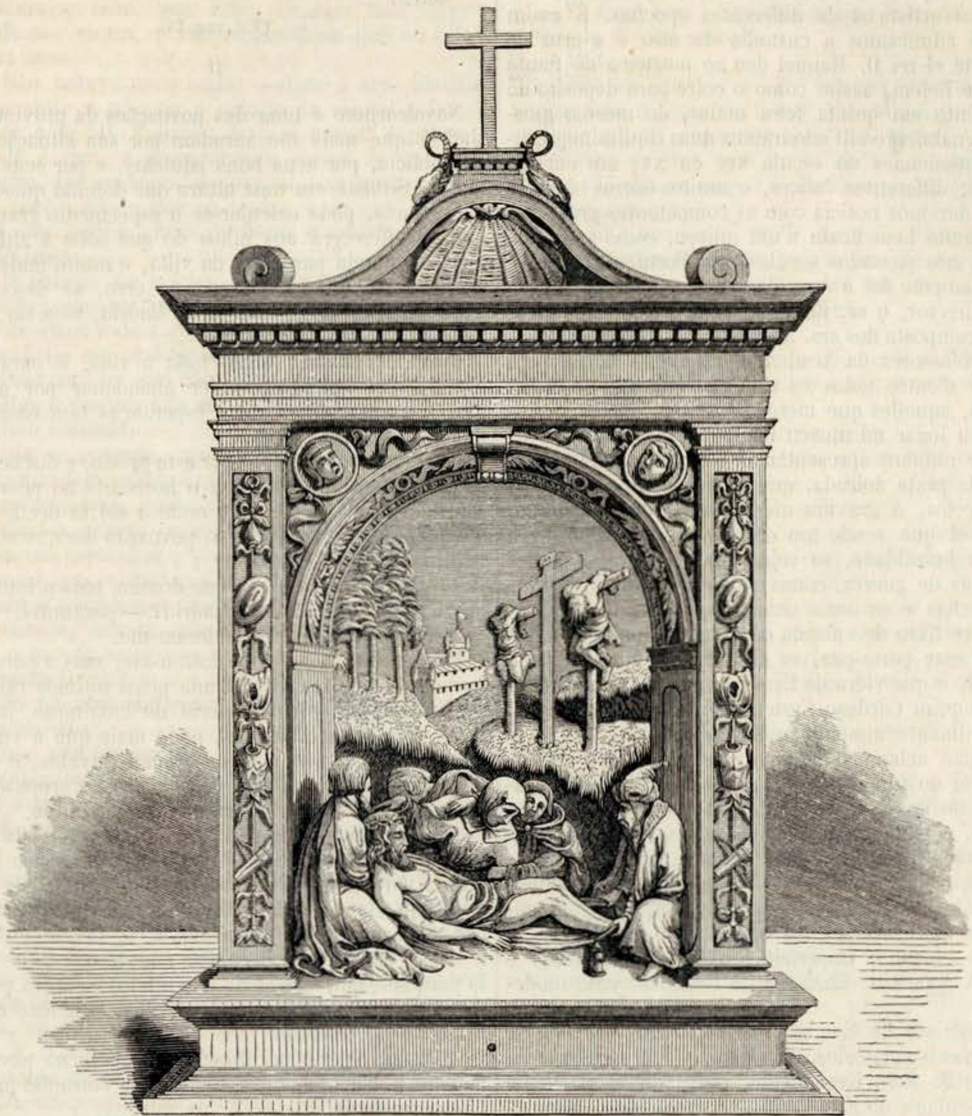


Osculatorio, ou porta-paz que se guarda na casa da moeda

Depois da extincção dos conventos, o governo mandou entrar na casa da moeda todos os objectos preciosos, de oiro e prata, que n'elles foram achados, e se inventariaram, com excepção dos que o mesmo governo mandou entregar a differentes parochias e outras egrejas para uso do culto.

Dos objectos arrecadados na casa da moeda, uns venderam-se, outros foram amoedados, e os mais preciosos, por serem obras de arte de grande estimação e valor, ou por serem memorias dignas de conservação, alli ficaram, e ainda estão esperando, como foi determinado, o seu logar em um museu nacional.

Foi grande o destroço das preciosidades possuidas pelos conventos. É sabido que a piedade dos fundadores das casas religiosas, e de muitas pessoas que, para conquistarem a bemaventurança, enriqueceram essas casas, accumulou nos conventos consideraveis valores, e os dotou de mil objectos em que a arte ostentava todos os seus primores. Alguns d'estes objectos escaparam á natural desordem com que se fizeram os inventarios em epochas tão agitadas. Os que entraram na casa da moeda alli se tem conservado arrecadados com a maior fidelidade. Os extravios, ou aconteceram antes ou durante os inventarios.

As contas correntes dos objectos preciosos de oiro e prata pertencentes aos conventos supprimidos, e publicadas em 1842 pelo thesouro publico, mostram que foram supprimidas 480 casas religiosas, mosteiros, conventos, hospicios, confrarias, capellas, irmandades etc, incluindo n'este numero a egreja patriarchal e a sé de Lisboa, porque mesmo d'esta egreja foram arrecadados muitos objectos de prata e oiro.

Para se ajuizar qual foi o descaminho que houve no peculio precioso dos conventos, basta dizer que, pelas referidas contas correntes, o valor total dos objectos amoedados ou vendidos na casa da moeda, e nos diversos districtos do continente do reino, e dos que foram distribuidos, não excedeu, até 2 de março de 1842, a 118:106$038 réis, além de 1:549 marcos existentes n'aquella data na casa da moeda.

Mas dêmos graças a Deus por haverem escapado do naufragio as preciosidades arrecadadas com tanta fidelidade na casa da moeda. Ainda alli estão objectos dignos de apreço e de subido valor, verdadeiros monumentos artisticos de differentes epochas. É assim que alli admirâmos a custodia de oiro e a cruz de prata que el-rei D. Manuel deu ao mosteiro de Santa Maria de Belem, assim como o cofre para deposito do Sacramento em quinta feira maior, do mesmo mosteiro; egualmente alli admirâmos duas riquissimas cruzes processionaes do seculo XIV ou XV; um curioso relicario; differentes calices, e muitos outros objectos de que daremos noticia com as competentes gravuras, e que muito bem ficam n'um museu, como specimen da arte, nos passados seculos, em Portugal.

Ultimamente foi á casa da moeda, a pedido do seu digno director, o sr. Bettamio de Almeida, uma commissão composta dos srs. Annunciação, Bastos, e Christino, professores da Academia das Bellas Artes, para escolher d'entre todos os objectos que alli estão em deposito, aquelles que merecessem ser conservados, e ter o seu logar no museu nacional.

N'este numero apresentâmos a gravura de um porta-paz de prata doirada, que se acha entre os referidos objectos. A gravura dispensa-nos da descripção. É notavel que sendo um objecto para symbolisar a paz e a humildade, se vejam nas pilastras aquelles emblemas de guerra, como escudos, couraças, aljavas com frechas e os seus arcos. Na verba que está no respectivo livro de entrada da casa da moeda, com relação a este porta-paz, se diz ter sido feito no anno de 1534, e que viera de Evora, mandado pelo dr. Manuel Joaquim Cardoso Castello Branco, que governou espiritualmente aquelle arcebispado.

Mas não achámos nota do convento a que pertenceu, nem do fundamento por que se diz ter sido fabricado no anno de 1534. É certo que por esse tempo foi feito, como é evidente pelo seu estilo e fórma. As columnas atticas da ordem toscana, com o entablamento jonico, os bustos em medalhões, o caprichoso dos ornatos, e o estilo do baixo-relêvo, mostram claramente que pertence ao meiado do seculo XVI. A obra do cinzel é imperfeita, mas tem expressão e vigor. A figura de Christo está energicamente modelada.

Do districto de Evora se arrecadaram na casa da moeda tres osculatorios. Um da casa dos conegos seculares de S. João Evangelista, outro do mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, da ordem de S. Jeronymo, e o terceiro do convento de Santo Agostinho de Villa Viçosa. A casa de S. João Evangelista foi fundada, no anno de 1485, por D. Rodrigo de Mello, primeiro conde de Olivença. O mosteiro do Espinheiro foi erecto primitivamente no anno de 1452 ou 1457, por D. Vasco Perdigão, bispo de Evora, e os monarchas portuguezes favoreceram muito este mosteiro até ao tempo do cardeal-rei. O convento de Santo Agostinho, ou de Nossa Senhora da Graça, de Villa Viçosa, foi fundado no anno de 1267, pela propria ordem. Depois em 1366, o restaurou o santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, e aqui estão os mausoléos dos duques de Bragança.

De certo este porta-paz veiu de algum d'esses conventos, de antiga fundação, e favorecidos por pessoas poderosas, os quaes por isso deviam possuir alfaias de muita valia.

Como dissemos, o porta-paz, representado na nossa gravura, é de prata doirada. Tem 29 centimetros de altura até ao cimo da cruz lisa que o remata, e 18 centimetros de largura.

Todos sabem que o porta-paz se dá a beijar em certas missas solemnes, e que costuma ser ou uma figura, ou uma lamina de prata representando algum assumpto sagrado.

O ESTILO É O HOMEM

(CONTO CAMPESTRE DE D. ANTONIO DE TRUEBA)

(Vid. pag. 94)

II

Navalcarnero é uma das povoações da provincia de Madrid que mais me agradam por sua situação, por sua policia, por seus bons edificios, e por seus habitantes. Situada em uma altura que domina quasi toda a provincia, póde calcular-se o espectaculo grandioso que se offerecerá aos olhos do que sóbe á altissima torre da egreja parochial da villa, e muito mais se se accrescentar que d'alli, se não érro, se descobrem cinco provincias, que são as de Madrid, Segovia, Guadalajara, Toledo, e Cuenca.

Preso em Madrid quasi toda a vida, é para mim grandissima felicidade poder abandonar por alguns dias a prisão onde tantas esperanças tem nascido e morrido no meu coração.

Consegui uma vez quebrar esta prisão, e discorrendo pelas collinas que limitam o horisonte ao poente de Madrid, vi, ao longe, para onde o sol ia declinando, um monte coroado por uma povoação em que se construira elevado templo.

— Que povo é aquelle que domina toda a immensa planicie em que assenta Madrid? — perguntei.

— Navalcarnero, responderam-me.

Este nome prosaico desgostou-me, mas a poesia da formosa torre, que illuminada pelos ultimos raios do sol, e realçada pelo mysterio do longinquo, parecia a de uma grande basilica, póde mais que a vulgaridade do nome que me resoára aos ouvidos, e caminhando, caminhando, primeiro á luz do crepusculo e depois á luz da lua, cheguei a Navalcarnero.

Ao entrar na villa, recordei-me de que n'ella habitava uma familia a quem prestára um serviço pouco difficil para mim, e muito importante para ella.

Vi um dia á porta do conselho provincial uma pobre aldeã chorando desconsolada, e, perguntando-lhe a causa do pranto, disse-me que o seu filho unico ia para soldado, apesar de que a lei o isentava por ser filho de viuva pobre, que sustentava sua mãe com o producto do trabalho.

— Esteja socegada, disse-lhe, que se na povoação fizeram a seu filho uma injustiça, o conselho provincial a repará.

— Assim aconteceria, senhor, se achasse quem soubesse explicar perante o conselho a razão que temos.

— A senhora ou seu filho podem fazel-o.

— Que hemos de explicar, meu senhor, se o rapaz e eu ficâmos enleiados diante dos senhores do conselho, que hão de dar razão a qualquer advogado que vá com o moço que se livrar, indo meu filho para soldado? Ai, senhor, tendo dois filhos, ficarei sem algum, porque um embarcou e o outro levam-m'o.

Commoveu-me a afflicção d'aquella pobre mulher, e, apesar da minha falta de serenidade e eloquencia para fallar perante um tribunal, offereci-me para defender seu filho no conselho.

A velha acceitou o meu offerecimento chorando de prazer e gratidão. A justiça que assistia a seu filho era tal, que, apesar de sustental-a eu, e de combatel-a um advogado capaz de provar que dois e dois são cinco, o conselho reconheceu-a, e declarou isento o filho da viuva.

Nem tive tambem o sentimento de ver chorar a mãe do moço que devia substituil-o, porque esse, que se chamava Angel, e que me pareceu excellente rapaz, deu substituto e voltou á povoação com o meu defendido.

Ao chegar, pois, a Navalcarnero, perguntei pela sra.

Claudia, que era o nome da mulher que vira chorar á porta do conselho provincial, e fui procural-a, não para lhe pedir hospitalidade, mas para que me indicasse alguma casa onde podesse hospedar-me.

Claudia e João, seu filho, ficaram mui alegres quando me viram, e não consentiram que eu saisse de sua casa.

— Não faltava mais nada! — disse a sra. Claudia. O que sinto é não ter o palacio da rainha a fim de receber o sr. D. Antonio; mas se a casa é pobre, a vontade é rica, e procuraremos meios de que fique satisfeito. Os senhores da capital tem muitas coisas boas, porém não o que eu tenho, e do qual gostará, que é um jardim cheio de flores e arvores carregadas de fruta.

— O palacio da rainha, respondi, não me satisfaria tanto como um jardim assim. Um dos sonhos doirados de quasi toda a minha vida, é ter uma casinha, e detraz d'ella um jardimzinho cheio de flores e fructos.

— Pois para ter isso não é necessario ser muito rico.

— Mas é preciso não ser escriptor.

— Não entendo.

— Olá se entendo, minha mãe, disse João. O sr. D. Antonio tem razão. Em Hespanha, ainda que qualquer escreva bem, ganha pouco dinheiro. Não me está bem dizel-o, porém eu escrevo optimamente. No outro dia me asseverou o proprio sr. juiz que tenho lettra muito boa, e apesar d'isso no cartorio pagam-me sómente a quarenta e cinco réis a folha.

— Cala-te, cala-te, não sejas tolo. Que relação ha entre o que tu escreves e o que escrevem os senhores que fazem livros?...

— Só ha uma differença, e é que elles sabem dictar e eu não.

— Isso não vale nada!

— Olhe, minha mãe, todos temos a nossa *sciencia*. Não é verdade, sr. D. Antonio?

— É, João; e tem principalmente sciencia o que, como tu, trabalha sem descanço para sustentar sua mãe.

— Em quanto a isso, sim, senhor; meu filho é exemplar. Não saiu tão direito e ambicioso como seu irmão Pepe; mas, em troca, não deixou sua mãe como aquelle ventoinha, que se me foi para a America, ou não sei para onde, e, provavelmente, o infeliz terá morrido no mar, porque não tornámos a saber d'elle... Porém, no fim de contas, não nos lembrâmos de que o sr. D. Antonio desejará ceiar e descançar, porque vem moido da diligencia.

— Da diligencia não, senhora; vim a pé...

— É possivel? E atreveu-se á caminhada?...

— Gósto muito de percorrer os campos, subindo agora a um monte, descendo logo a um valle, apanhando umas flores aqui, esboçando alli uma arvore ou uma paizagem...

— Isso diverte muito.

— Póde certamente divertil-os aos senhores, replicou João; a mim nenhum prazer me dá.

— Se todos fossem como tu, que passas a vida comendo, bebendo, fumando e requestando as raparigas!...

— É o positivo... Tudo mais é historia!

— Maldito positivo!... Asseguro-lhe, D. Antonio, que não sei a quem sae este rapaz. Seu irmão, o meu bom Pepe, deixava todos os divertimentos do mundo para se juntar com gente fina, para ler bons livros, ou para ouvir boa musica. Seu pae, que Deus haja, não tinha maior gosto do que sentar-se em um monte, ao cair da tarde, quando vinha de trabalhar, e passar alli meia hora fumando um cigarro, contemplando como se escondia o sol por entre as montanhas longinquas, ouvindo os cantares nos campos e o toque das ave-marias nos campanarios do valle.

— No mundo, minha senhora, ha de haver toda a especie de gostos...

— Seu pae tinha os cinco sentidos postos no jardim que o sr. D. Antonio ámanhã verá, e por gosto de João nem arvores nem roseiras haveria, porque, diz elle, os fructos e as flores não dão dinheiro.

— E digo bem. Uma coisa que não dá dinheiro para que diacho serve?

— Já te digo...

— Não se cance, sr. D. Antonio, em dizer-lh'o, porque não o comprehenderá. Vamos ceiar. Amanhã, se Deus quizer, conversaremos com vagar.

Ceiámos os tres com muita alegria e muito appetite, e Claudia se dispoz a conduzir-me ao quarto que me destinára.

— Tenha boa noite, sr. D. Antonio, disse-me João, e accrescentou sorrindo: se em vez de dormir esta noite n'esse quarto dormisse ha uns mezes, lançar-me-hia mais de quatro maldições.

— Porque?

— Até além da meia noite não teria podido pregar olho, ouvindo-me tocar guitarra e cantar versos á Rosa.

— E quem é Rosa?

— Quem é! A noiva que eu tinha...

— Vamos, D. Antonio, não se importe com esse estouvado, e venha deitar-se, disse a sra. Claudia guiando-me até á porta do meu quarto.

Esta habitação estava pobremente mobilhada, porém caiada, limpa e arranjadinha com o cuidado que o bom gosto inventa para supprir a pobreza.

Quando fiquei só, puz-me a examinar o quarto attentamente, e abri umas portas que julgava fossem as de alguma janella. As portas davam para um pateo d'onde se passava ao jardim de que a sra. Claudia me fallára.

A noite estava deliciosissima; o ceo azul, e a lua clara.

Apenas abri a porta que dava para o jardim, o quarto inundou-se-me do perfume das flores e dos fructos.

Saí do quarto e sentei-me ao resplendor da lua em um banco de cortiça, situado n'um circulo cheio de roseiras, craveiros e outras flores.

De vez em quando, no meio do silencio da noite, o ambiente agitava um pouco os ramos, e ouvia o ruido que fazia a fruta ao cair das arvores; levantava-me para a colher e voltava para o meu banco, d'onde me submergia n'essas ineffaveis e doces meditações em que sempre se afundam as almas *sonhadoras*, quando a noite é silenciosa, a lua clara, o ambiente perfumado, e o ceo azul.

Do outro lado do jardim havia uma casa, e entre ella e o muro um beco, para o qual dava a janellinha da casa, que estava escura porque não alcançava alli a claridade da lua.

Julguei por differentes vezes que na referida janella apparecia uma rapariga...

— Já o vou vendo! — disse o guarda civil ao chegar a esta parte do meu conto, interrompendo a leitura para fallar commigo. Aquella janellinha chegava uma rapariga, de quem por fim o senhor se enamorou, e a quem vae agora ver com tamanha pressa...

— O homem, continue a ler, que não estou disposto a consumir tempo com a conversação...

— Bem digo eu que o descubro...

— Vamos, continue.

O guarda continuou a leitura, movido não tanto pela minha impaciencia como pela sua curiosidade.

Ouvi de repente passos no beco, e figurou-se-me novamente que alguem assomava á janella perto da qual cessaram os passos.

— Rosa? — perguntaram baixinho no beco.

— Angel? — responderam da janella de egual modo.

Tinhamos, pois, em campo uns namorados que estabeleceram o seguinte dialogo:

— Deitou-se já tua mãe?

— Não sei.
— Estás enfadada?
— Estou muito.
— Porque?
— Porque já não me queres.
— Quem t'o disse?
— A hora a que vens.
— Cheguei agora mesmo da deveza de Sacedon, que está a uma legoa d'aqui.
— E voltas ámanhã?
— Antes de amanhecer hei de estar em caminho.
— Foste hoje muito cedo?
— Era ainda noite quando lá cheguei.
— E porque trabalhas tanto?
— Bem sabes que meu pae é velho, e o anno passado empenhou-se para me livrar da farda. Se a gente que é moça, e tem obrigação, não trabalhar com vontade, quem o ha de fazer?
— Tens razão.
— Quem não devia trabalhar tanto eras tu, que andas em constante alvoroço todo o santissimo dia.
— Minha mãe não está já para nada, e se a gente não attendesse a tudo, a casa andaria em extraordinaria desordem.
— É verdade; porém doe-me que tu, sendo tão gentil e tão...
— Estás zombando...
— Zombando! Rosa te chamam, e o sr. cura que te deu esse nome não era parvo.
— Tambem não o era o que te baptisou com o nome de Angel.
— Foi o mesmo padre cura. O que eu queria era que nos désse outra coisa.
— Que nos ha de dar?
— A benção do matrimonio.
— Ah!...
— Rosa, em breve chegará esse dia!
— Sériamente?
— Alegras-te?
— Sim, porque estarei sempre ao teu lado.
— E eu por estar sempre ao teu.
— Ora vamos, fingido, que a ti pouco te importa isso.
— Olha, Rosa, nem como gracejo me digas que não te amo. Cáia morto n'este instante se não te quero mais que á propria vida. No campo, na aldeia, em casa, de dia, de noite, em toda a parte e a todas as horas estou pensando em ti.
— E é devéras isso? — perguntou Rosa amorosamente.
— Perguntas se é devéras? — respondeu o rapaz com voz que revelava commoção no animo e lagrimas nos olhos. Que o amor de Deus e o teu affecto me faltem, se não é verdade o que te digo!
— Do mesmo modo te quero, Angel.
— Acordei hontem á noite chorando de raiva, porque sonhei que João viera de novo com os seus descantes para debaixo da tua janella.
— Enganou-te o sonho, porque João não voltou nem voltará.
— Posto seja um covarde, e eu lhe dissesse na praça, diante dos rapazes da aldeia, que se voltasse havia de custar-lhe cara a festa, não o tenho muito seguro.
— Deves tél-o, porque se não me deixar em paz por causa da tua ameaça, deixar-me-ha porque lhe disse bem claro que não podia amal-o, porque é muito bruto, e porque te quero a ti.
— Abençoada seja tua mãe...
— A minha mãe está agora dizendo da cama que basta de conversa. Adeus. Toma esta flor e até ámanhã.

Tirou uma rosa e lançou-a ás mãos do rapaz. Este apanhou-a no ar, porque eu vi-lhe erguer o braço acima do muro.

A janella e o beco ficaram um instante depois silenciosos e desertos. Permaneci ainda algumas horas no jardim.

O que a minha cabeça pensava e o que o meu coração sentia ante o amor d'aquelles corações, e ante a magestade d'aquella noite, e em tão perfumada atmosphera, os labios não o dizem, nem as pennas o descrevem.

(Continua) B. A.

BRAGA

ANTIGA CÊRCA DE MUROS; ARCO DO POSTIGO; LARGO DAS CARVALHEIRAS; CAPELLA DE S. SEBASTIÃO; E COLUMNAS ROMANAS.

As primeiras muralhas que cingiram a cidade de Braga, depois de renascida das cinzas da *Brachara Augusta* dos romanos, foram construidas pelo conde D. Henrique. Devia ser uma obra mesquinha, isto é, de construcção pouco solida, ou insufficiente para a defesa da cidade, por quanto, ainda bem não eram passados dois seculos, curto espaço de tempo para a duração de taes edificações, mandou el-rei D. Diniz reconstruir as ditas muralhas, e por modo tão completo, que esta fábrica é tida em conta de nova fundação. D'aqui procede attribuirem muitos dos nossos escriptores a primeira fortificação de Braga a el-rei D. Diniz, sem fazerem menção da cêrca do conde D. Henrique.

Conservaram-se as muralhas do rei lavrador sem alteração alguma durante os reinados de seu filho, D. Affonso IV, e de seu neto, D. Pedro I. Porém, envolvendo-se o paiz em continuas guerras com Castella em todo o curso do seguinte reinado del-rei D. Fernando, mandou este monarcha reformar aquellas muralhas, e por essa occasião as fortaleceu com várias torres que fez de novo. Concluiu-se esta obra no anno de 1375, em que tambem se acabou de reparar o castello da cidade, fundado por el-rei D. Diniz. A este castello, do qual já démos noticia aos nossos leitores [1], accrescentou o arcebispo de Braga D. Diogo de Sousa, reinando el-rei D. Manuel, os dois baluartes circulares que deitavam para o campo de Sant'Anna, e de que ainda restam vestigios.

Com a fundação de alguns conventos, e com o crescimento da povoação, foram-se derrubando successivamente os lanços do muro, e várias torres e portas da cidade. O arcebispo D. José de Bragança, filho bastardo del-rei D. Pedro II, procedeu a algumas d'essas demolições para desaffrontar ruas e praças, e para outras obras de aformoseamento. Todavia ainda existem de pé, e em bom estado de conservação, diversas torres e lanços da muralha. A nossa gravura, cópia de uma photographia da collecção do sr. Seabra, mostra um d'esses lanços com sua torre, e uma das oito portas da cidade, chamada vulgarmente *Arco do Postigo*.

Estão situadas no *largo das Carvalheiras*, em terreno elevado. Tira o seu nome este largo dos carvalhos seculares que o povoam, assombrando ao mesmo tempo a capella de S. Sebastião. A capella, de fundação antiga, e modernamente reedificada, é de fórma circular. Tem as costas voltadas para o lado das muralhas antigas da cidade, e na frente estende-se um espaçoso adro, dividido em dois grandes taboleiros, com escadas de pedra de um para o outro, cercados de muro baixo com assentos, e plantados de arvoredo. No centro de um d'estes taboleiros levanta-se um dos melhores chafarizes da cidade de Braga.

Em torno da capella, e em volta dos dois taboleiros mencionados, vêem-se grossas columnas de gra-

[1] Vid. pag. 49 do vol. VI.

nito com inscripções romanas. São as columnas miliarias que outr'ora guarneciam as vias militares que saíam de Braga, servindo de guia ao viajante, e de padrão á historia, pois que indicavam ao primeiro as distancias por elle percorridas, ou que lhe era necessario percorrer para chegar aos pontos extremos d'aquella via militar, e apontavam á segunda o nome do imperador, que fundára ou reconstruíra a mesma estrada.

Estas columnas, até ao fim do seculo xv, jaziam por terra em diversos sitios por onde passavam as ditas vias militares. Algumas d'essas columnas estavam patentes a todas as vistas, outras inteiramente escondidas pela espessura dos mattos. Foi o arcebispo D. Diogo de Sousa, que as mandou descobrir e transportar para a cidade, collocando-as no campo de Sant'Anna, em torno da ermida da santa, que deu nome ao campo, e que foi fundada por aquelle mesmo prelado.

Quando se reedificou a capella de S. Sebastião foram trasladadas as columnas miliarias para o seu adro.

N'esta capella celebrava-se uma festa annual com uma pratica mui singular, de que vamos dar noticia.

No dia 7 de junho de 1569 principiou em Lisboa uma das mais horriveis epidemias que tem affligido



Porta e muralhas antigas da cidade de Braga

esta cidade. Durou aqui o flagello até outubro, calculando-se as perdas em Lisboa e arrabaldes em perto de cincoenta mil pessoas. Estendeu-se esta peste a todo o reino, de modo que em muitas terras prolongou-se o mal até ao anno de 1570. Foi a cidade de Braga uma das terras de provincia que mais padeceu. Chegou a tal ponto a mortandade, e de tão grande terror se possuiram os habitantes, que os cadaveres ficavam tres e quatro dias dentro das casas, por falta de individuos que os levassem a sepultar. Foi n'estas circunstancias tristissimas, que o arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres deu os mais sublimes exemplos da caridade evangelica, não só conservando-se na cidade, quando todos tratavam de fugir d'ella abandonando os enfermos, mas tambem acudindo aos feridos do flagello com remedios, com roupas, e outras esmolas, andando elle proprio de dia e de noite, de casa em casa, tratando uns, confortando outros, providenciando para que os mortos se enterrassem promptamente, e fazendo distribuir alimentos aos pobres ainda não atacados do mal, para que melhor se podessem preservar d'elle.

Foi pois durante esta horrorosa epidemia, que o senado da camara fez voto a S. Sebastião, se o mal cessasse, de ir todos os annos em procissão á sua capella, fazendo primeiro a volta da cidade com um rolo de cera, da medida exacta da sua circumferencia, o qual havia de arder no templo em quanto durasse a festa.

Cessou finalmente a peste, e cumpriu-se o voto com uma solemnissima procissão de penitencia, em que foram a camara, o arcebispo e cabido, e mais clerezia, auctoridades, e muito povo, conduzindo um rolo de cera com o qual iam cercando a cidade, pela parte de fóra d'ella, até entrarem na capella de S. Sebastião, onde se fez uma grandiosa festa, estando o rolo sempre acceso. Continuou esta pratica nos annos seguintes, celebrando-se a festividade no dia de S. Se-

bastião, acabada a qual guardava-se o rolo dentro de um grande caixão.

A funcção da egreja ainda hoje se celebra. Não sabemos, porém, se ainda se costuma fazer a procissão, e se prevalece a ceremonia do rolo. É provavel que tudo isso subsista, attendendo aos habitos religiosos da cidade.

S. Sebastião foi designado para defensor da cidade, e a sua capella ficou administrada pela camara, correndo por conta d'esta toda a despeza do culto. Tem a capella uma confraria da mesma invocação.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O VACUO E A AMBIÇÃO

Admiravel é a diligencia e cuidado que a natureza põe em impedir o vacuo, e que em todo o universo, não haja logar vasio. A este fim vemos subir a agua, descer o ar, mover-se a terra, romperem-se os marmores, estalarem os bronzes, e correrem todas as creaturas com impeto contra suas proprias inclinações. D'aqui nascem os frequentes terremotos, e os extraordinarios e horrendos, que não poucas vezes derribaram e destruiram cidades inteiras. O mesmo que faz a natureza por impedir o vacuo faz a ambição pelo occupar. Em havendo logares vagos, de todas as partes concorrem tumultuariamente a elles os pretendentes, não por impedir (que só se impedem uns aos outros), mas por occupar o vacuo, e tanto com maior e mais violento impeto, quanto a natureza acode ao bem commum do universo, e a ambição ao particular de cada um.

VIEIRA — *Sermoes.*

TRES POETAS

LUIZ CORRÊA CALDEIRA

(Vid. pag. 89)

Luiz Corrêa Caldeira era tambem um primoroso traductor. Mais largamente fallariamos d'essa manifestação do seu talento, se podessemos affirmar com certeza que é sua a traducção de um romance em verso e em cartas, publicado na *Revista Estrangeira*, com o titulo: *Uma paixão*. Não está assignada, mas o estilo denuncia o auctor frequentemente. Phrases suas favoritas, que apparecem bastantes vezes, e o arrojo do verso bastariam para nos convencer de que esse romance foi traduzido por elle, ainda que essas considerações não fossem corroboradas pelo facto de ser a traducção publicada n'um jornal de que elle era o principal redactor. Comtudo, como não possuimos a certeza material do que aventurâmos, limitar-nos-hemos a analysar a traducção da poesia *Oceano nox* de Victor Hugo.

Ninguem ignora as difficuldades de traduzir as obras d'este poeta enorme. Estão sempre tanto acima do vulgar, que é quasi uma profanação a tentativa. Essas difficuldades não diremos que Corrêa Caldeira as vencesse, mas luctou com ellas valorosamente, e conseguiu dar-nos um bello reflexo do immenso esplendor do original.

Oceâno nox é uma das poesias mais sentidas de Victor Hugo, do poeta que sabe, mais do que nenhum outro, despertar as lagrimas, digam o que disserem os frios arrumadores dos grandes vultos, que os encerram em differentes generos, como as aves em differentes gaiolas. Nada é comparavel á vaga melancolia que nos inspiram as sentidas estrophes d'aquelle curto poema. Vê-se o grupo aldeão, sentado nas ancoras, a conversar tristemente nos que partiram para não mais voltarem. Como que se sente ao longe a voz do Oceano, rugindo á noite, quando o firmamento desdobra o véo funereo, que as estrellas nem ousam recamar.

Corrêa Caldeira, apesar de ficar a uma immensa distancia do poeta francez, comprehendeu perfeitamente a idéa da poesia, e conservou-lhe o tom de indefinida tristeza. Lendo o original, e lendo a traducção, parece-nos que escutâmos um canto delicioso e plangente, e que ouvimos depois o echo longinquo que lhe repete as notas, enfraquecidas sim, mas egualmente sentidas, egualmente melancolicas. Senão, comparem:

On demande: «Où sont-ils? sont-ils rois dans quelque île?
Nous ont-ils délaissés pour un bord plus fertile?»
Puis votre souvenir même est enseveli!
Le corps se perd dans l'eau, le nom dans la mémoire,
Le temps, qui sur toute ombre en verse une plus noire,
Sur le sombre Océan jette le sombre oubli.

Vejamos a traducção:

Quanta vez se pergunta: «Onde estão elles?
Serão acaso reis d'ignotas ilhas,
Ou deixaram-nos sós porque buscavam
Mais ricas terras, mais formosas plagas?»
Depois a vossa imagem se esvaece,
Perde-se o corpo na extensão das aguas,
Perde-se o nome na memoria fraca,
E o tempo, que ennegrece as proprias sombras,
Sobre o negro Oceano desenrola
Um manto inda mais negro... o esquecimento

Esta versão tem o defeito que é inseparavel de todas as traducções de Victor Hugo. A nervosa concisão do poeta francez ninguem é capaz de a reproduzir. Luiz Corrêa Caldeira diluiu a idéa do original em versos incontestavelmente bellos; mas o defeito subsistiu. O que se não perdeu foi o tom melancolico.

Mais abaixo o defeito é mais grave. Deparou-se ao traductor uma difficuldade, e, em vez de procurar pelo menos torneal-a, fez peior — fugiu-lhe! Em combates d'estes a retirada não deshonra; mas devemos confessar que, se não fossem os bellissimos versos da restante traducção, esta fuga seria imperdoavel.

Victor Hugo, mostrando a desventura dos que morrem sobre as aguas do mar, exprimiu n'uma estrophe o triste pensamento de que esses pobres não deixam nada na terra que os possa recordar aos que lhes sobrevivem, nem uma pedra funeraria no cemiterio da aldeia, nem um salgueiro que debruce a copa verdejante sobre os sete palmos de terra que abrigam um cadaver;

Pas même la chanson naïve et monotone,
Que chante un mendiant à l'angle d'un vieux pont!

Luiz Corrêa Caldeira creio que não percebeu bem a idéa do poeta, que era aliás simples, porque só queria mostrar que essa morte obscura nem ao menos se conserva nas tradições da aldeia, cujos chronistas são os cantores de estrada. Por conseguinte, fugiu da traducção, e substituiu os dois versos do original por estes dois versos frouxissimos:

Nada tendes, ó nautas, nada tendes,
Que possa recordar-vos cá na terra!

Como a culpa é grave, apressemo-nos em apresentar como circunstancia attenuante a traducção, realmente notavel, do final da poesia.

Diz o poeta francez:

Ô flots! que vous savez de lugubres histoires!
Flots profonds redoutés des mères à genoux!
Vous vous les racontez en montant les marées,
Et c'est ce qui vous fait ces voix désespérées
Que vous avez le soir quand vous venez vers nous!

Eis a versão:

Leves ondas do mar — ondas temîdas
Da terna mãe que espera por seu filho —
Que infinitas, que lugubres historias
Não sabeis vós, ó caprichosas vagas!
São ellas que vos dão esses accentos
De agonia, de dor, de desespêro,
Que tendes quando á noite sobre as rochas
Vindes uivando espadanar com furia!

Se comparassemos, verso a verso, a traducção com o original, haviamos de encontrar innumeros defeitos. Desviemos, portanto, os olhos do esplendido sol que nos deslumbraria, e attendamos ao reflexo. Devemos concordar que este trecho é verdadeiramente bello.

Ahi tem os leitores traçada em rapido esboço a physionomia litteraria d'esse vulto, que sería tão notavel se não encontrasse, no caminho da gloria, primeiro o infortunio, e depois a morte. N'estas paginas não tentei senão chamar a attenção para esta figura, a fim de ver se pennas mais auctorisadas do que a minha se encarregam de a fazer sair do esquecimento, e de rasgar os véos da indifferença que até a sua curta vida lhe enluctaram!

N'este esboceto tratei apenas do poeta; no homem, como vêem, não fallei senão de relance. Não possuo, nem procuro possuir apontamentos biographicos da sua vida. Assim, Corrêa Caldeira é simplesmente para mim uma estrella fulgurante, que brilhou momentos, e rapidamente se apagou. Para que hei de eu conhecer os mesquinhos obstaculos que provavelmente entorpeceram a sua carreira n'este mundo? Considero a sua existencia só pelo lado luminoso, e nem quero ver as sombras que a ennoitaram. Basta que lastime unicamente a curta duração do seu brilho.

Conta Lamartine, no seu *Curso de litteratura*, que os habitantes de Samos accusavam Homero de obstruir as ruas cantando canções ás portas das casas. Existem ainda, e espalhados por toda a parte, os descendentes dos accusadores de Homero. Foi prolifica essa raça! Hoje, quando elles caminham graves para irem conquistar uma fita, uma pasta, um titulo — brincos ridiculos tão ambicionados pelos homens serios — se encontram um poeta que solta ao vento os seus hymnos, perguntam: «Por que obstrue a praça publica este inutil scismador?» E repellem-n'os, e lançam-'n'os para cima, ou da enxerga de Gilbert, ou do cadafalso de Chénier.

Quando principiei o estudo que apresento aos leitores do *Archivo*, tive intenção de narrar a vida dos martyres da poesia. Confesso que me desfallecem agora as forças, pensando que tenho de descer dos ceos radiantes, onde pairava o poeta, ao inferno da vida, onde soffria o homem.

Tentem outros essa tarefa. Não me sinto com animo para ella. Chamei, como já disse, a attenção para esse vulto elevado, e que, apesar d'isso, passou no mundo quasi despercebido. Agora, se algum dos reis da critica tiver curiosidade de percorrer os versos de Luiz Corrêa Caldeira, e se os achar então dignos de serio exame, resgate, inda que tardiamente, a injustiça de que a imprensa portugueza é culpada para com o auctor da *Voz do Oceano*, e colloque-o no logar que lhe compete entre os notaveis talentos poeticos da nossa terra.

No seguinte estudo trataremos de Soares de Passos.

(Continua) M. Pinheiro Chagas.

ORTHOPEDIA

MODO DE VULGARISAR OS NOVOS CONHECIMENTOS MEDICOS EM PORTUGAL

I am glad to see that time survive,
Where merit is not sepulchred alive.
Ben Johnson.

On s'était habitué à considérer les pieds bots comme incurables, et les écoles avaient fini par n'en plus faire mention que pour mémoire. L'attention des maitres... s'en rapportait au libre arbitre d'un fabricant de machines du soin de redresser les boiteux ou de les estropier tout à fait... La routine était trop vieille et trop puissante pour s'en émouvoir...

Dr. V. Duval — Pied-bot — pag. 2 e 4, 1859.

Andry, esprit nouveur, s'attira la haine de ses contemporains stationnaires et ennemis du progrès; il était devenu la bête noire de la faculté, le *mauvais coucheur* (comme auraient dit Cuvier e Humboldt) de la chambrée médicale de l'époque. Les pères de famille dure profiter de son travail; mais ses confrères n'ouvrient pas même son livre, en haine de l'aucteur.

C. Raspail fils — Appareils orthopédiques — 1862

As epigraphes com que publicâmos este nosso trabalho demonstram: 1.º que o merito real, quando transluz em qualquer individuo, não se sepulta em vida; 2.º o atraso em que se acha este transcendente ramo da cirurgia em França, paiz classico d'onde são importadas as doutrinas que vigoram em quasi todas as nossas escholas. Não admira que esta parte da arte de curar ficasse em esquecimento entre nós, porque o mesmo atrazo existe ainda n'aquelle paiz.

Na cultura da orthopedia não entram os talentos vulgares: o medico que a cultivar carece de conhecimentos especialissimos para guiar o artista, e não este o medico, como geralmente se crê!

A resolução do problema da orthopedia não está só na manufactura dos apparelhos, está: 1.º no conhecimento pathogenico dos aleijões; 2.º na invenção e theoria dos apparelhos; 3.º na direcção e perfeita applicação d'estes, guiada quer na officina, quer na cura do aleijão, pelo medico-orthopedista. É um plano todo complexo, fundamentado sempre pelo mesmo individuo.

Expliquemos aos interessados a razão do plano complexo.

Todos os instrumentos cirurgicos, com rarissimas excepções, foram inventados pelos mais illustres cirurgiões. Aos cuteleiros fica reservada a execução da sua arte na conformidade das instrucções dos cirurgiões. Ainda assim, a invenção de uns não serve para todos os praticos operadores; e alguns pedem aos artistas modificações nos instrumentos já conhecidos na pratica das operações.

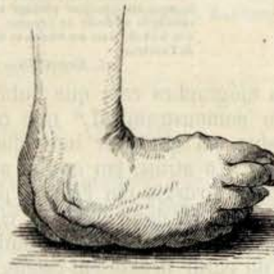
Mas nos instrumentos orthopedicos não ha a mesma norma; porque o mesmo genero de aleijões tem variedades, e é necessario que o cirurgião conheça as inconveniencias de um dado modelo de apparelhos, e seja inventor, pelo conhecimento que tiver do aleijão, para mandar executar o apparelho de que ha de servir-se na cura. Além d'isso, o artista que faz instrumentos de cirurgia não vae fazer a operação da talha, da lithotricia, da ligadura das arterias, etc., pelo facto de ter feito os instrumentos. Como se quer, pois, entregar a cura dos aleijões aos artistas unicamente fazedores de instrumentos?

N'este sentido, e fundado nas razões expostas, abri conta na officina do sr. Antonio Polycarpo, de modo que este insigne artista, limitado ao exercicio da sua arte, executa os modelos *que lhe apresento* com o rigor geometrico e a exactidão do compasso, sem a sua responsabilidade, recaindo esta sobre mim, quer a da exactidão, quer a da paga do seu trabalho. O artista é artista, e não é medico-operador; o medico é auctor do plano dos apparelhos com que cura, e não é artista. É pois evidente e facil de conhecer a differença que ha entre o medico — que inventa modelos de apparelhos, e cura com estes, assumindo sobre si a responsabilidade das curas, e aquelles medicos que inculcam artistas para curarem aleijões, dos quaes elles ignoram a cura, fazendo depois recair a responsabilidade nos artistas, quando estes ignoram *tudo*, e se inculcam curandeiros debaixo da protecção de taes medicos!

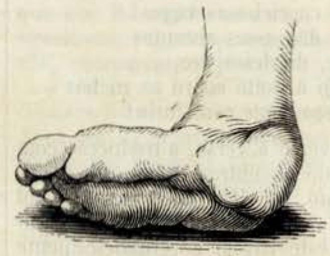
Fazemos estas considerações para prevenirmos os paes de familias dos *logros* a que estão sujeitos quando sejam mal encaminhados. O facto que passâmos a descrever justifica tudo quanto fica exposto.

Pé varus (genero): *equino-varus* (especie); *com retracção da aponevrose plantar* (complicação); *cura.*

O sr. Ayres Mattoso Gago da Camara, de quinze annos e meio de edade, natural da ilha de S. Miguel, filho do sr. Joaquim Gago da Camara, veiu consultar-me em junho do anno passado, e disse-me: que tinha nascido com o pé do lado direito aleijado; que seu pae tinha já gasto 700$000 réis em apparelhos; que, por conselho de alguem, mandára a Paris o modelo da perna e pé, em gesso, para obter um apparelho com o qual podesse andar, e que o apparelho viera, mas nunca o usára por não poder marchar com elle; que seu pae nada tinha poupado, e tinha consultado os principaes medicos, que eram agora de parecer que não tinha cura! Que tendo lido no *Archivo Pittoresco* a historia de um menino por mim tratado, e sabendo de outras curas por mim feitas, vinha procurar-me *para ver se lhe imaginava um apparelho com o qual podesse marchar aleijado e sem dores.*



N. 1 — Visto do lado de fóra



N. 2 — Visto do lado de dentro

O doente consultava-me para poder andar aleijado, porque este era o juizo dos medicos que seu pae tinha consultado no *curto espaço de quinze annos e meio!*

Examinado o pé aleijado, vi que o aleijão datava da vida *intra-uterina* (minha classificação), e era o *pé-varus* que, pela ignorancia com que tinha sido tratado, se complicára, passando a ser a variedade — *equino-varus*, complicado com a retracção da aponevrose plantar, complicação esta que torna o aleijão mais difficil de vencer.



N. 3 — Visto sem apparelho

Depois do exame, e da historia que me referiu, respondi-lhe: mande dizer a seu pae que auctorise a despeza, que eu me comprometto a *pôr-lhe o pé direito*, dando-lhe a fórma natural, e fazendo-o marchar, correr, saltar e dançar sem dores; que esta cura levará seis mezes a fazer; e que pagará ficando curado, isto é, com o pé direito, *quando não, não.*



N. 4 — Visto com apparelho

A auctorisação não se fez esperar muito tempo, não só pela *surpreza* que causou na familia a abonação da cura, como pelas condições com que a garanti.

Estado do pé e perna antes da cura. — O pé tinha por base a cabeça do osso astragal, as superficies superiores do scaphoide e cuboide; a planta do pé olhava para cima e para dentro, fazendo um grande rego causado pela retracção da aponevrose plantar; a superficie dorsal olhava para baixo; o calcanhar levantava-se tres centimetros do horisonte; o osso astragal estava fóra da goteira formada pelas superficies inferiores da tibia e peroneo, como se deprehende do exame das vinhetas n. 1 e 2.[1] A perna estava muito delgada, o que depende da atrophia dos musculos causada pela falta dos movimentos regulares.

N'este estado foi o doente submettido ao tratamento, que principiou no dia 13 de agosto de 1863. Fiz-lhe a applicação do *meu apparelho de força e reducção*, que foi tirado no dia 13 de janeiro de 1864.

Estado do pé depois de curado. — Nos cinco mezes que decorreram, o pé aleijado encontrou-se no estado em que hoje se acha, descrevendo um angulo recto com a perna; a planta do pé voltada para o horisonte, formando ao pé a base natural; o dorso voltado para cima; o osso astragal mettido na superficie inferior da tibia e peroneo, ou goteira que estes dois ossos formam; o scaphoide e cuboide nas suas posições naturaes; a retracção da aponevrose plantar vencida; todos os movimentos do pé ainda enfraquecidos, mas regulares. Em fim, o pé tem a fórma normal, como se póde ver pela vinheta n. 3.

Conseguido este resultado, o pé foi mettido no *apparelho de movimento e contensão* (veja-se a vinheta n. 4), para que os movimentos do pé sejam sempre regulares, a marcha firme e sem dores, e para que a perna, que é mais delgada que a esquerda, possa desenvolver-se pela regularidade nos movimentos, o que sempre acontece logo que a evolução natural esteja coordenada, como actualmente está.

O doente póde agora marchar, correr, saltar e dançar sem dores no pé.

O pé aleijado está direito.

Authenticidade da cura. — Fez-se no collegio do sr. Luiz de Sousa, na rua de Santo Ambrosio, n. 2, ao largo do Rato. É n'este collegio que se acha este alumno. O sr. José Antonio Gomes Lage, professor e parente do doente, póde certificar o facto, assim como todos os professores do collegio, e todos os alumnos. O sr. Francisco Rufino de Almeida, e muitas familias distinctas, conhecem o facto.

Conclusão. — Se as curas d'esta ordem estivessem só nos apparelhos, o pae d'este aleijado não teria gasto 700$000 réis em apparelhos, pagando-os por preços elevados, quando são baratissimos, e julgando por isso obter a cura, ficando-lhe o filho cada vez mais aleijado até á edade de quinze annos e meio!

Quem venceu as difficuldades quinze annos depois, tel-as-hia vencido melhor quinze annos antes.

Lisboa — S. C. Rua dos Correeiros, n. 161, 10 de junho de 1864.

A. M. DOS SANTOS BRILHANTE.

[1] Estes factos hão de fazer parte da minha obra, *O Livro Brilhante.* N'este firme proposito, chamei o sr. Nogueira da Silva, distincto artista, para me desenhâr e gravar o *fac-simile* do aleijão antes e depois da cura. Por este modo todos os leitores podem conhecer e differençar o torto do direito, bem como apreciar as difficuldades vencidas.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio